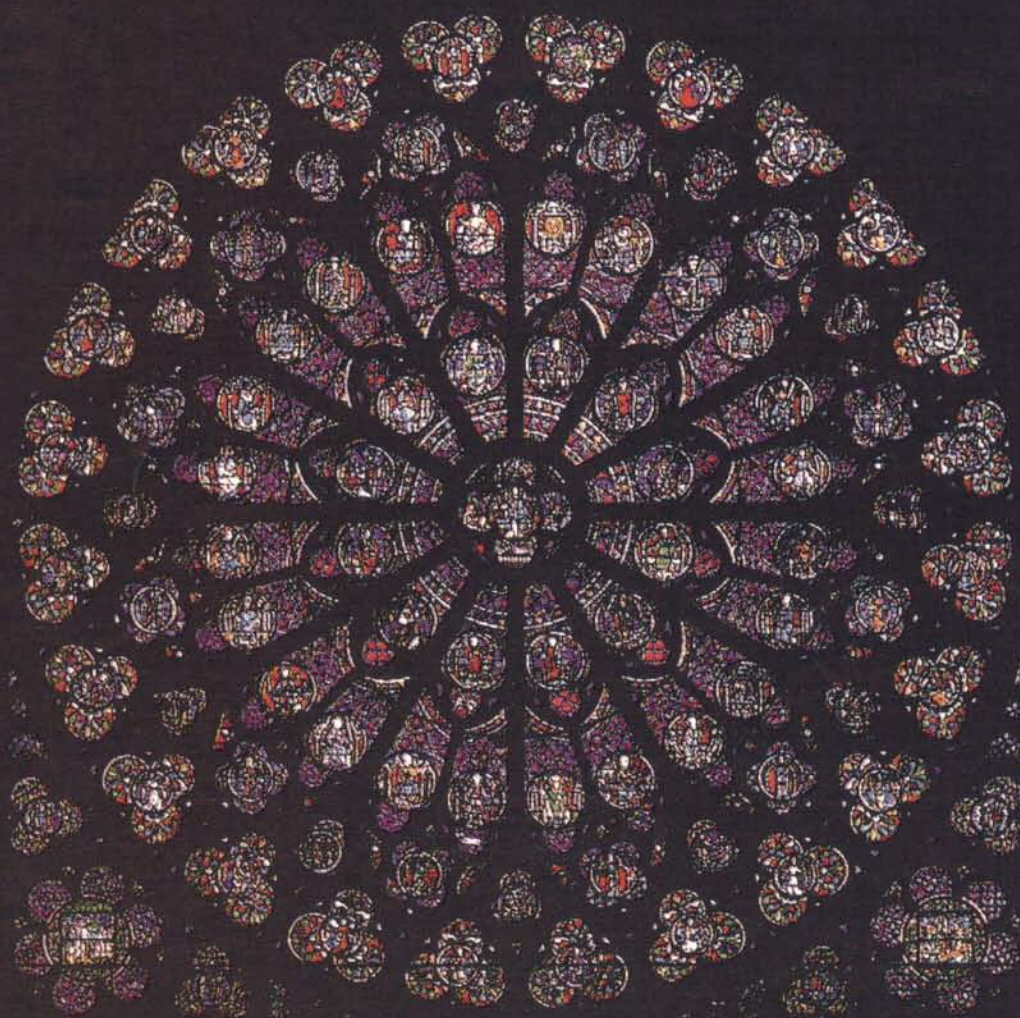




O DESBRAVADOR

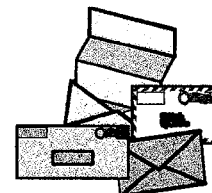
ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



Uma das coisas mais belas que conhecemos são os vitrais das catedrais medievais. Feitos com pedras preciosas, produziam uma claridade e um fulgor incomparáveis. possuíam várias formas, mas pontuavam as rosáceas, como a que reproduzimos acima. Em seu centro, estavam geralmente Nosso Senhor e Nossa Senhora, para dizer que Eles devem estar no centro de nossas vidas, no centro de nossas almas.

Sim, como os vitrais simbolizam a alma humana. Aliás, se eles são belos, quanto mais bela é uma alma em estado de graça. (pág. 16)

Escrevem os Leitores



Favor enviar "O Desbravador" para... Obrigado.

DESEMBARGADOR JULIO CÉSAR PARAGUASSU
RIO DE JANEIRO - RJ

Estimados irmãos de "O Desbravador", estou-lhes enviando o recibo de depósito feito no Bradesco no dia 10/10/06. Essa revista é maravilhosa, pois traz ótimos artigos e é intransigente defensora da doutrina católica. Tenho tirado muitas cópias e as distribuído. Continuem com esse trabalho maravilhoso e que o Senhor os abençoe.

YOLANDA V RIBEIRO
RIO DE JANEIRO - RJ

Olá! Sou leitor há algum tempo, pois o obtenho na igreja que frequento, mas gostaria de receber em casa. É possível?

LUIS GUSTAVO AMARAL
SÃO PAULO - SP

Olá! Gostaria, se pudessem enviar "O Desbravador" para os meus amigos listados no documento anexo. Obrigado.

ALÍCIO CAMPOS JÚNIOR

Em um mundo onde cada vez mais o ser humano sem rumo e em crise de identidade procura achar-se entre ser e ter. Abençoada seja esta revista que nos mostra a verdade. Que Deus abençoe a todos que fazem parte dela.

ALEXANDRE LOUREIRO GOUVEIA
SÃO PAULO - SP

Salve Rainha!

Por meio de um amigo e irmão em Cristo, recebi um exemplar do periódico "O Desbravador". Por favor, eu suplico, enviem-me mais desta fonte inesgotável de inspiração da fé católica. Obrigado e parabéns pelo magnífico e piedoso trabalho.

PAULO HENRIQUE CREMONEZE PACHECO
SANTOS - SP

Imprimimos
com

RIPAX
Premium Quality Paper 1.3367 75

O DESBRAVADOR
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

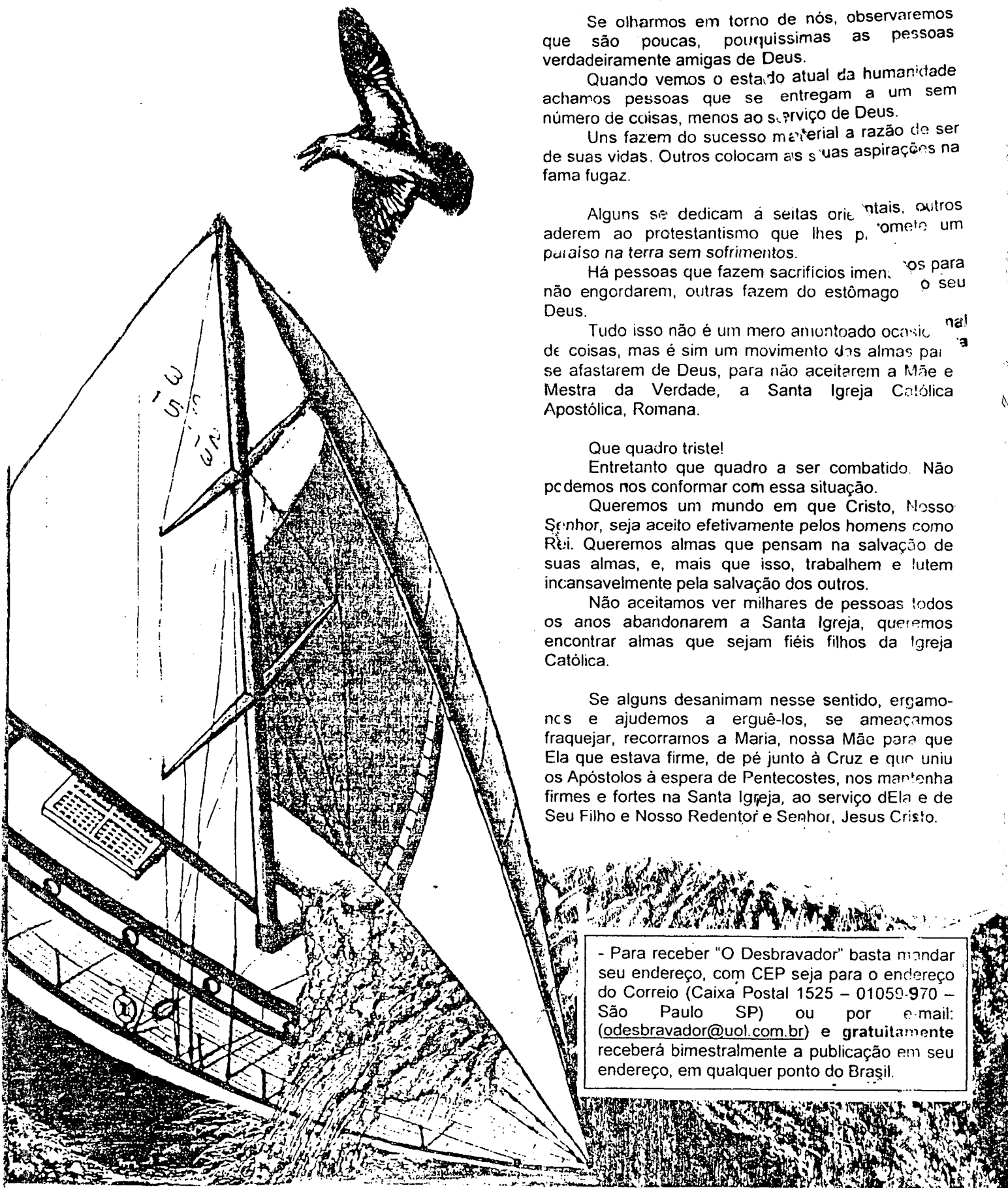
EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial



Se olharmos em torno de nós, observaremos que são poucas, pouquíssimas as pessoas verdadeiramente amigas de Deus.

Quando vemos o estado atual da humanidade achamos pessoas que se entregam a um sem número de coisas, menos ao serviço de Deus.

Uns fazem do sucesso material a razão de ser de suas vidas. Outros colocam as suas aspirações na fama fugaz.

Alguns se dedicam à seitas orientais, outros aderem ao protestantismo que lhes promete um paraíso na terra sem sofrimentos.

Há pessoas que fazem sacrifícios imensos para não engordarem, outras fazem do estômago o seu Deus.

Tudo isso não é um mero anão-toado ocasional de coisas, mas é sim um movimento das almas para se afastarem de Deus, para não aceitarem a Mãe e Mestra da Verdade, a Santa Igreja Católica Apostólica, Romana.

Que quadro triste!

Entretanto que quadro a ser combatido. Não podemos nos conformar com essa situação.

Queremos um mundo em que Cristo, Nosso Senhor, seja aceito efetivamente pelos homens como Rei. Queremos almas que pensam na salvação de suas almas, e, mais que isso, trabalhem e lutem incansavelmente pela salvação dos outros.

Não aceitamos ver milhares de pessoas todos os anos abandonarem a Santa Igreja, queremos encontrar almas que sejam fiéis filhos da Igreja Católica.

Se alguns desanimam nesse sentido, ergam-nos e ajudemos a erguê-los, se ameaçamos fraquejar, recorramos a Maria, nossa Mãe para que Ela que estava firme, de pé junto à Cruz e que uniu os Apóstolos à espera de Pentecostes, nos mantenha firmes e fortes na Santa Igreja, ao serviço d'Ela e de Seu Filho e Nosso Redentor e Senhor, Jesus Cristo.

- Para receber "O Desbravador" basta mandar seu endereço, com CEP seja para o endereço do Correio (Caixa Postal 1525 - 01059-970 - São Paulo SP) ou por e-mail: odesbravador@uol.com.br e gratuitamente receberá bimestralmente a publicação em seu endereço, em qualquer ponto do Brasil.

"O Amor não é amado"

Veio para o que era seu, e os seus O não receberam (Jo 1,11).

Um dia, durante as festas do Natal, S. Francisco de Assis andava chorando e suspirando pelos caminhos e florestas, e parecia inconsolável. Perguntaram-lhe a causa de sua dor e ele respondeu:

"Como quereis que eu não chore, vendo que o amor não é amado? Vejo um Deus amar o homem até a loucura, e o homem ser tão ingrato a esse Deus!"

Se a ingratidão dos homens afligia tanto o coração de S. Francisco, imaginemos quanto mais afligiu o coração de Jesus Cristo.

Apenas concebido no seio de Maria, ele viu a cruel ingratidão, que devia receber dos homens. Viera do céu para acender na terra o fogo do amor divino; esse único motivo o levou a deixar-se imergir num abismo de dores e opróbrios: Vim trazer o fogo sobre a terra, e que quero senão que se inflame? E via um abismo de pecados que os homens iriam cometer depois de receberem tantas provas de seu amor! Eis, diz S. Bernardino de Sena, o que lhe causou uma dor infinita.

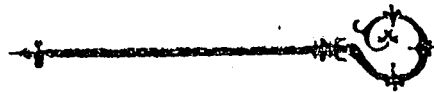
Nós mesmos sentimos pena insuportável vendo-nos tratados com ingratidão; é que, segundo a reflexão do bem-aventurado Simão de Cássia, muitas vezes a ingratidão afflige mais a nossa alma do que qualquer outra dor ao corpo. Qual não foi pois a dor de Jesus

Cristo, nosso Deus, ao ver que corresponderíamos a seus benefícios e amor com ofensas e injúrias! Ele se queixou pela boca de Davi: Deram-me males em troca de bens, e ódio em troca do amor que eu lhes tinha; mas também hoje em dia parece que Jesus Cristo se lamenta: Sou como um estranho no meio de meus irmãos, por ver um grande número deles viver sem o amar e sem o conhecer, como se os não houvera beneficiado, e como se nada houvera sofrido por amor deles.

Ah! que caso fazem hoje muitos cristãos do amor de Jesus Cristo?

Nosso Senhor apareceu um dia ao bem-aventurado Henrique Suso sob a forma dum peregrino a mendigar de porta em porta um abrigo; mas todos o repeliam injuriando-o grosseiramente. Quantos se parecem com aqueles de que falava Jó: Diziam a Deus: Retirai-vos de nós...; e isso depois que enchera suas casas de toda a sorte de bens.

No passado também nós fomos ingratos; queremos ainda continuar a sê-lo? Oh! não: esse amável Menino, que do céu veio sofrer e morrer por nós para obter o nosso amor, não merece tal ingratidão.



Afetos e Súplicas.

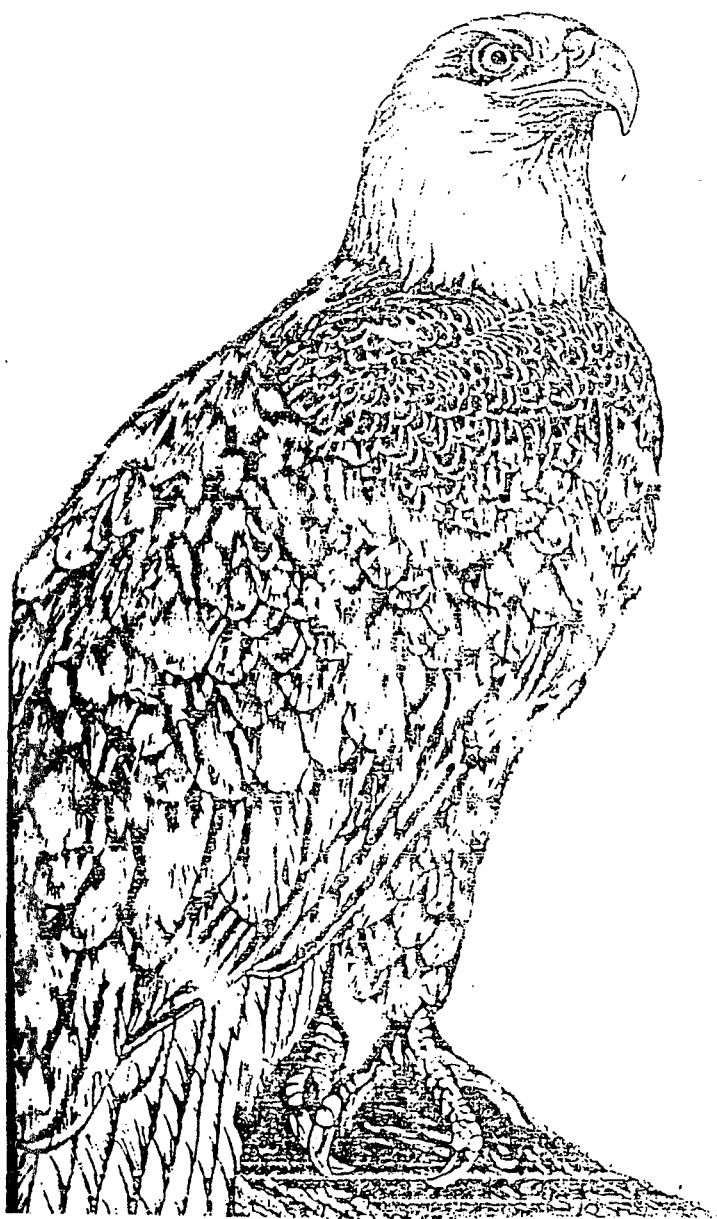
É pois verdade, meu Jesus, que desceste do céu para vos fazer amar de mim; viestes abraçar uma vida de penas e a morte da cruz por meu amor, a fim de abrir-vos a entrada do meu coração; e eu vos repeli tantas vezes dizendo: *Recede a me, Domine*: Retirai-vos de mim, Senhor; não vos quero! — Ah! se não fosseis um Deus de bondade infinita, e se não tivésseis dado a vossa vida para perdoar-me, não ousaria pedir-vos perdão. Mas ouço que vós mesmo me ofereceis a paz: *Convertetis-vos a mim*, dizeis, *e eu me converterei a vós*. Pois bem, meu Jesus, vós a quem ofendi, vos fazeis meu intercessor. Não quero pois fazer-vos ainda a injúria de desconfiar da vossa misericórdia. Arrependo-me de toda a minha alma de vos haver ofendido e desprezado ó Bem supremo; recebei-me em vossa graça, conjuro-vos pelo sangue que derramastes por mim. Não, meu Redentor e meu Pai, não sou digno de ser chamado vosso filho, depois de haver tantas vezes renunciado ao vosso amor; mas vós com os vossos méritos me tornais digno dele. Agradeço-vos, meu Pai, agradeço-vos e amo-vos. Ah! já a lembrança da paciência com que me suportastes tantos anos e das graças que me prodigalizastes após tantos ultrajes da minha parte, deveria fazer-me arder sem cessar de amor por nós. Vinde, pois, meu Jesus, não quero mais repelir-vos; vinde habitar em meu pobre coração. Amo-vos e quero amar-vos sempre; inflamai-me cada vez mais recordando-me sempre o amor que me tivestes.

Minha Rainha e minha Mãe, ajudai-me, pedi a Jesus por mim: fazei que durante o resto da minha vida, eu seja grato para com esse Deus que tanto me tem amado mesmo depois de haver recebido de mim tantas ofensas.

(Santo Afonso Maria de Ligório)

A Montanha de Cristal

De todos os lugares banhados pela luz do dia, nunca houvera algum que fosse mais belo que aquelas montanhas. O sol, batendo em suas bases, fazia brilhar o negror dos rochedos que se elevam, abruptos e altaneiros do meio dos campos, até que, no alto, bem lá no alto, a dureza e o negror das pedras era substituída pela maciez e pela alvura da neve. Lá em cima a luz parecia ainda mais pura, dando à montanha tons de ouro ao entardecer.



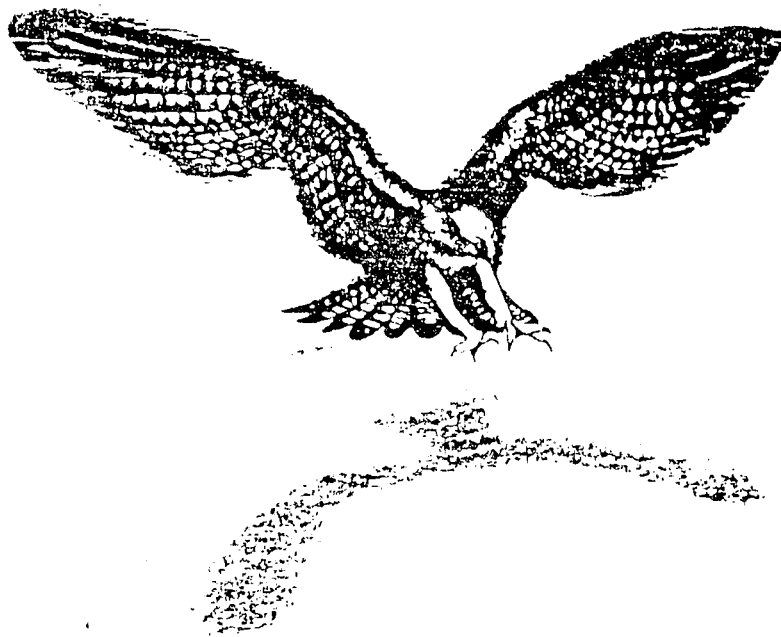
E havia algo ainda mais belo: no meio das montanhas mais altas, e mais alto que todas elas, erguia-se um píncaro tão agudo e tão magnífico que dir-se-ia que as neves eternas eram boas apenas para sua base. Era uma montanha legendária e inacessível, toda ela feita de um único e imenso bloco do mais puro cristal. Seria preciso vê-la para se acreditar em semelhante maravilha. Aliás, sua beleza era tão estonteante que, se algum homem chegasse a vê-la, não acreditaria em seus olhos, e ao descer daquelas alturas não contaria nada a ninguém, com receio de ser tomado por um visionário.

Mas a verdade é que esse homem, que certamente seria tido por um insensato, ainda teria visto muito pouco. Por que essas belezas não eram nada se fossem comparadas com as que a montanha possuía em seu interior. Com efeito, num ponto altíssimo, o imenso bloco de cristal possuía uma abertura. E quem, por essa abertura, penetrasse, logo encontraria dentro de uma gruta, comparada com a qual todas as catedrais do mundo pareceriam, ao mesmo tempo, minúsculas e sombrias.

Que edifício construído por mãos humanas poderia ter sequer um décimo do tamanho daquela gruta? E que vitral, que conjunto de luzes, que pedras preciosas poderiam se comparar com a girândola de cores que o sol filtrava por aquelas paredes? Não, homem algum conseguiria descrever aquilo. Homem algum seria capaz de subir até aquele lugar. Lá apenas chegavam as águias.

Porque havia as águias. Águias, enormes e majestosas, de plumas brancas e cabeça dourada, os únicos habitantes daquele local. Tão altaneiras, tão elevadas, que nunca baixavam de lá, nem mesmo para buscar alimento: a luz, a magnífica luz do interior da caverna as alimentava. A luz lhes dourava as penas, a luz lhes dava força. Elas viviam da luz e somente dela é que tinham avidez.

A base da caverna de cristal era o imenso rochedo da montanha. Dentro desse rochedo havia uma outra caverna, cuja porta ou não existia ou estava eternamente sepultada pela neve. Lá dentro, tudo era asqueroso, úmido e escuro, não de uma escuridão qualquer, mas de negror absoluto. Era horrível, e para aumentar o horror, as paredes da caverna eram todas cobertas por um muco, por uma gosma infecta e malcheirosa. Dir-se-ia que nada poderia viver em semelhante ambiente. Nenhum animal suportaria semelhante horror. A não ser as aranhas. Essas sim as havia, e aos milhões. Aranhas enormes, negras, asquerosas, que formavam um



tapete movediço sobre as paredes, o chão e o teto da caverna. Que se alimentavam do muco nojento; que gostavam do mau cheiro, que só se sentiam bem na escuridão, que não conheciam, nem queriam conhecer outra coisa. E esses dois mundos, essas duas cavernas eram separadas apenas por uma laje de rochedos, e viviam sem que tivessem conhecimento um do outro.

o desastre...

Um dia, não se sabe porque motivo, essa laje se rachou. Talvez um ligeiro tremor de terra, talvez a deslocação accidental de alguma rocha, tenha sido a causa. O fato é que, na base da caverna de cristal, e no teto da caverna das aranhas, surgiu uma pequena rachadura que as águias, que raramente olhavam para baixo, nem chegaram a perceber.

Mas não sucedeu o mesmo com as aranhas. Com a rachadura, entrou na caverna fimbria, um raio de luz, essa luz que elas odiavam acima de tudo, que acima de tudo as fazia fugir. Apavoradas, enfurecidas, elas se amontoaram no canto mais escuro de sua caverna, até que aquele fio de luz foi enfraquecendo, foi se diluindo, foi se esmaecendo, aos poucos, até finalmente se extinguir. A noite havia chegado. Na gruta de cristal, as águias dormiam.

Aos milhões, as aranhas saíram da rachadura, e penetraram no interior da gruta. Movidas pelo ódio, elas arrastaram uma enorme pedra, bloqueando a entrada da gruta. Depois, subiram em todas as paredes, e as cobriram com suas teias e com sua baba asquerosa e negra.

Elas podiam simplesmente ter fechado a rachadura, porém seu ódio não era apenas da luz, mas também de todos os seres que gostavam da luz. Elas odiavam tudo o que é belo, e o ódio lhes dava

força no trabalho. Durante toda a noite espalharam o negrume, a sujeira, o horror.

Lá fora, chegou o alvorecer.

O sol foi verdejando os campos e branquejando a neve. Tudo brilhava, tudo sorria. Mas no interior da gruta de cristal, os raios do sol não conseguiam mais entrar. No interior da gruta de cristal continuava a escuridão. As águias despertaram. Onde estava o sol?

Onde estava a luz que lhes dava vida e lhe dourava as penas? Elas não sabiam. Aos poucos compreenderam que a porta da gruta estava fechada, mas não se sentiram com forças, nem com ânimo, para desobstruir. Sem luz, elas mal conseguiam se arrastar pelo chão. Quando chegou o meio-dia, e lá fora o sol dardejava seus raios em todo o seu esplendor, dentro da gruta se percebiam apenas sombras. Na hora de maior luz, tudo era pardo e confuso. As águias, cabeça baixa e asas arrastando pelo solo, andavam em círculos desanimadas, percebendo que aquela obscuridade tinha apenas o suficiente de luz para permitir que elas sobrevivessem ou vegetassem.

Se elas pudessem enxergar algo, notariam com horror que suas penas, suas lindas penas brancas e douradas, começavam a escurecer.

Exteriormente a montanha de cristal continuava a mesma, e sua glória diante do sol, permanecia inalterada. Mas, que enorme diferença em seu interior! Passou-se o tempo. As aranhas, completamente senhoras da situação, andavam por toda a gruta, espalhando sempre sua baba asquerosa e nauseante. As águias, as altaneiras águias de plumas brancas e cabeça dourada, eram agora uns animais sujos, de penas negras e opacas, que mal

tinham forças para se arrastar. Viviam no chão coberto de imundícies, que a fome às vezes as obrigava a comer. Havia se acostumado com o mau cheiro das aranhas, e o que é pior, haviam se esquecido de como eram antes. Se alguém lhes viesse falar da luz e da beleza de voar, elas não ouviriam. Diriam que tudo isso era sonho, e que a vida consistia naquilo, em ter as penas negras, em se arrastar na lama e em viver na imundície. Aquilo sim era a realidade, e nada mais existia. As águias haviam se esquecido do que eram e do que deveriam ser. As águias viviam como morcegos, esperando apenas a morte, sem se lembrarem da luz.

Foi então, quando parecia tudo perdido, foi então que na gruta de cristal surgiu o vaga-lume.

... a Ressurreição...

Na verdade, ele não surgiu, mas apenas se transformou. Sempre houvera, no tempo da luz, na gruta de cristal um pequeno inseto dourado que fazia música com suas asas, e que, ziguezagueando incansável, enchia a gruta de harmonia. Também ele vivia da luz, e sua música era como que a luz do sol condensada em som. Se algum homem o ouvisse poderia perceber, em suas notas, ora alegria do alvorecer, ora o feérico do meio-dia, ora a solenidade do pôr-do-sol. O pequeno inseto era, na gruta de cristal, o complemento harmônico e sonoro da luz.

Quando aconteceu a grande tragédia, também o pequeno inseto foi afetado. Também ele enfraqueceu, e foi aos poucos perdendo a sua cor. Também ele acabou caindo de fraqueza a um canto daquela gruta, antes tão bonita, e agora tão hedionda.

Mas, ao contrário das águias, o pequeno inseto não se esqueceu. Às vezes, no meio da escuridão, ele sentia forças para bater um pouco as asas, e então, muito baixinho, soavam algumas notas que falavam de cores, de auroras, de belezas, de luz. E o pequeno inseto pensava: "a vida não pode ser só essa escuridão! É impossível que aquela beleza tenha desaparecido! Não há razão para se viver se a luz não existe mais".



E então ele reunia todas as suas forças e se punha a andar, se punha a investigar as paredes da gruta, recordando-se que delas é que vinha a luz.

Até que um dia... Um dia, depois de muito investigar, o pequeno inseto descobriu, embaixo da enorme pedra que tapava a entrada da gruta, um orifício, uma senda minúscula, que as aranhas haviam esquecido de tampar. Metendo-se por ela, arrastando-se, esfolando as asas, o pequeno inseto avançou, cavando removendo e empurrando, até num último e supremo esforço, conseguiu atravessar para o outro lado da montanha de cristal. Lá fora era meio-dia, e o sol brilhava em todo o seu esplendor.

O pequeno inseto quase enlouqueceu de alegria. Era verdade! Ele estava certo! O sol existia, e continuava a brilhar! Comovido, ele viu suas asas e seu corpo novamente se dourando, e sentiu que todas as músicas e todas as harmonias estavam de novo dentro dele. Levantou vôo, girou, cantou e depois tomou uma resolução. Reuniu toda a luz que conseguia, acumulando todas as forças do sol, o pequeno inseto voltou para o buraco, e penetrou na gruta escura, ziguezagueando, como um raio de luz, de cor e de som.

As águias, negras e cabisbaixas, ergueram um pouco a cabeça. O que era aquilo? Aquela luz, aquele som, era algo que lhes trazia recordações, que lhes penetrava no íntimo do ser... Então havia algo que não era escuridão e mau cheiro?

Então o mundo não era somente o horror e o negrume?



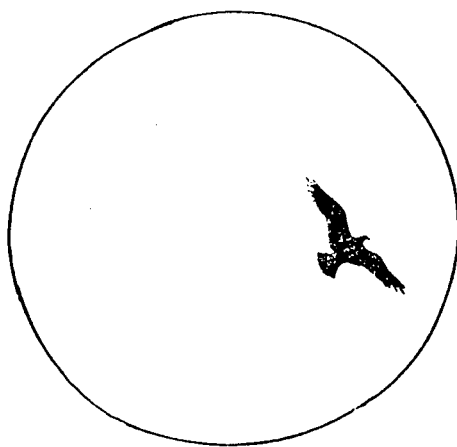
E o inseto, voando a toda velocidade e para todos os lados, brilhava com todas as luzes, e tocava todos os sons. E as águias foram se recordando... Até que uma delas achou em algum lugar um ânimo para dar um vôo desajeitado, mas que a levou até a parede de cristal, onde suas asas removeram um pouco da sujeira e do lodo que as cobria.

Claro, brilhante, sublime, eterno, um raio de sol entrou novamente na gruta, iluminando tudo com seu esplendor. As aranhas corriam espavoridas para todos os lados. As águias, reanimando-se, levantaram vôo e em instantes arrasaram a camada de sujeira que recobria o cristal. A pedra foi removida e jogada para o abismo, juntamente com as aranhas

que, não suportando a luz, morreram em pouco tempo. As plumas das águias novamente se douraram. O pequeno vaga-lume cantava.



Eis aí a nossa história. A vós, caro leitor, a vós que vos sentis oprimido, acabrunhado, entediado e abatido com o negror, com a sujeira desse mundo contemporâneo, nós, como o pequeno vaga-lume, queremos apontar para um ideal que nunca morreu, para a Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana, e dizer: O sol existe e continua a brilhar.



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para dar um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

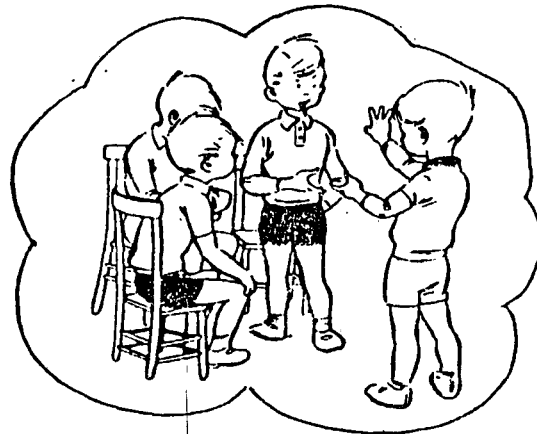
BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRABESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

**Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA
QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE**



Em Busca de Um Ideal

Eu era novo na escola.

Foi então que os meninos todos da classe combinaram procurar um grande ideal e perguntaram se eu também queria encontrá-lo.

"Um ideal de verdade?" Perguntei.

Eu falei num ideal de verdade, e não em falsos ideais, mesquinhos, "fajutos", que os outros meninos tem por aí.

É, um grande ideal tem que ser mesmo verdadeiro. Mas, não será difícil consegui-lo?

Não é não. Foi o que se disse e ficou combinado que todos procurariam encontrá-lo e depois todos nos reuniríamos e escolheríamos o melhor.

Fiquei muito contente por ter recebido o convite e achei que seria muito fácil. Era só procurar e escolher.

O Carlos, um dos idealizadores da procura, já estava indo embora e eu esqueci de perguntar onde encontraria o meu ideal. Eu ainda gritei alto, mas o Carlos já dobrara a esquina e não ouviu nada.

Perguntei então aos outros meninos a mesma coisa, mas eles riram de mim. Pensei que não haviam entendido ou então seria pelo fato de eu ser novo na escola.

Quando cheguei em casa, meu irmão estava "grudado" na televisão. "Beto, você está estudando?"

Perguntou lá de cima, minha mãe. "Estou sim" respondeu ele. Em seguida, chutou os cadernos com desdém e abaixou um pouco a televisão, para enganar melhor.

"Beto, isso aí é mentira", falei a ele. "E daí? Sai daqui!" Não saí e, então, fiz a pergunta que desde a escola me incomodava, ou seja, onde eu encontraria um grande ideal.

Ele riu de mim e perguntou se eu havia enlouquecido e se era isso que me ensinavam na nova escola. Eu insisti na pergunta: "você não sabe, Beto, onde eu posso encontrar um grande ideal?"

"Sai daqui, moleque", foi a sua nova resposta. Na realidade, eu o estava incomodando na sua "tarefa" de enganar minha mãe, com a televisão tão baixa.

Sai da sala e fui para a cozinha. Estava um cheiro muito bom. Ali encontrei minha irmã a quem perguntei: "Mana, onde eu poderia encontrar um grande ideal?" Ela escondeu a panela na qual cozinhava (como se o ideal estivesse ali e eu pudesse roubá-lo) e meio confusa afirmou que não sabia onde encontrá-lo.

Comecei a ficar preocupado, pois a todos que eu perguntava, respondiam-me que não sabiam. Assim foi com minha mãe, meus vizinhos e os colegas de bairro.

Quando meu pai chegou, perguntei: "pai, o senhor sabe onde existe um grande ideal, um ideal de verdade, para eu levar aos meus colegas de escola?". Meu pai achou muita graça, mas ele não estava caçoando de mim, como os outros. Apenas disse que me considerava inteligente e que ria de minha maneira de fazer a pergunta. Disse-me que se eu quisesse achar um ideal ele poderia me ajudar. Foi à estante e pegou um grande livro, abriu numa página onde se lia "quem quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me". Eu li, mas não entendi. Papai me explicou que não poderia haver no mundo ideal maior do que aquele de seguir Nosso Senhor Jesus Cristo, e que para tanto se requeria renúncia e carregar a sua cruz.

"Mas, este é um grande ideal?" perguntei. Papai me disse que não há no mundo nada de maior. "Então fico com ele".

No dia seguinte mostrei o meu ideal na escola e o apresentei como o maior do mundo. Eu estava certo de que todos o iriam escolher. Mas, qual não foi a minha decepção ao ver que o ideal que eu apresentava, não teve nenhum voto a não ser o meu. As duas idéias mais votadas foram a de ser jogador de futebol profissional e a de ser artista de cinema.

Voltei para casa um tanto desanimado. Meu ideal havia sido derrotado. E agora? O que deveria fazer: ser jogador profissional de futebol ou artista de cinema?

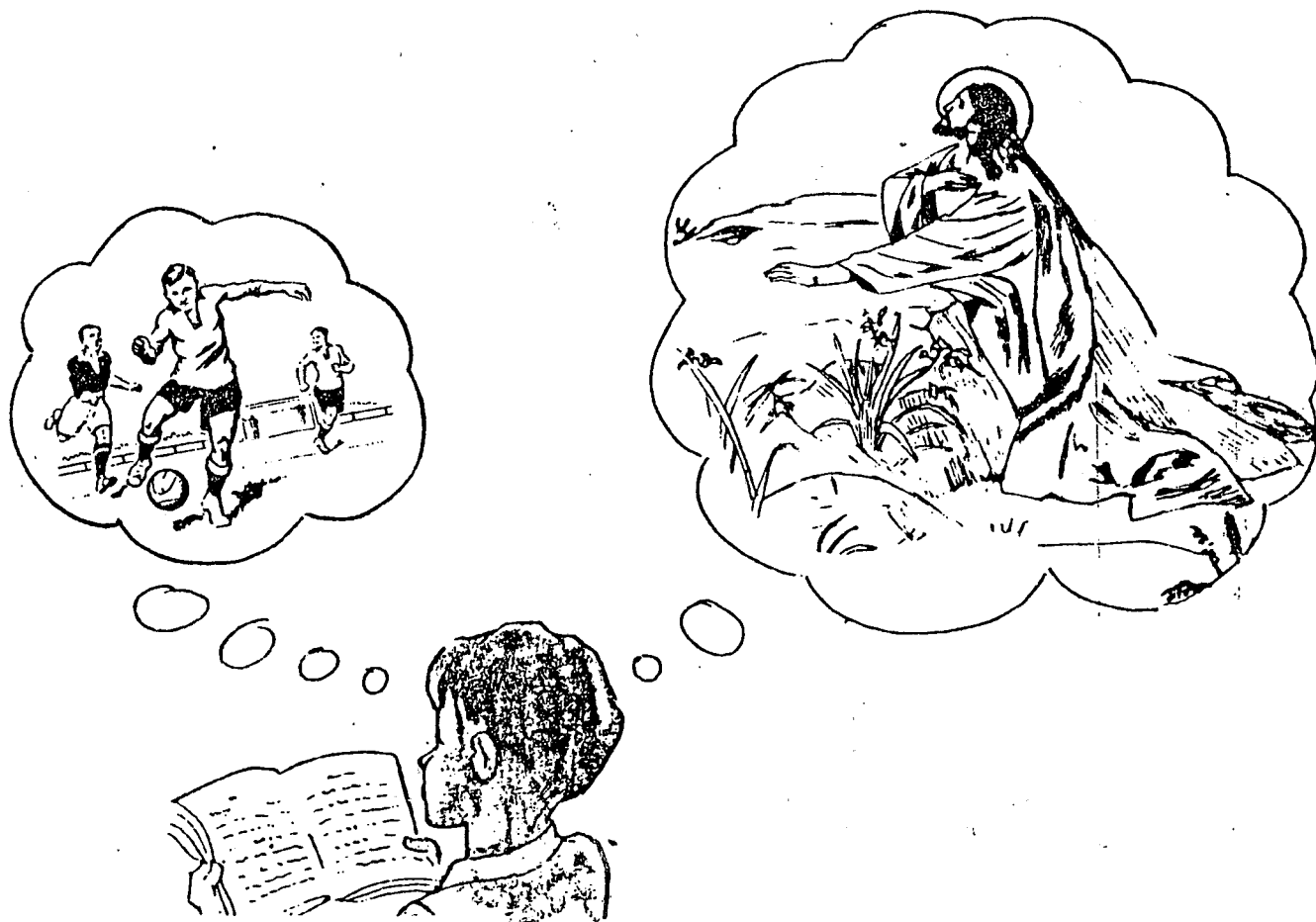
Eu via que os ideais vencedores eram mesquinhos e não satisfaziam a minha aspiração de um grande e maravilhoso ideal. Então, fui de novo à estante e abri o livro, donde papai tirara a frase de Nosso Senhor, para saber se ali havia alguma resposta ao que se decidira por maioria na escola. Na página em que o livro se abriu havia outra frase de Nosso Senhor Jesus Cristo: "O caminho do Céu é estreito e são poucos os que entram por ele".

Descobri então que são poucos os que se decidem pelo grande ideal de seguir a Nosso Senhor. "E a maioria o que escolhe, então?"

Virei algumas páginas do livro e encontrei a resposta: "não esse, mas Barrabás!". Ora, Barrabás era um ladrão!

Eis aí o que dá seguir a maioria, pensei. Naquela época a maioria escolheu Barrabás. Na minha escola escolheram o futebol e a carreira artística.

Depois disso, não tive mais dúvidas e preferi ficar com a minoria do grande ideal.



LEGITIMIDADE DAS IMAGENS



Já aconteceu, a nós de "O Desbravador", o fato de recebermos correspondência de alguma pessoa protestante, ou pelo menos com tendência a tal, atacando o culto que a Santa Igreja tributa às imagens. Outras vezes, são pessoas que foram questionadas por protestantes, que nos pedem um esclarecimento sobre a matéria. Há algum tempo atrás se encontravam facilmente nas livrarias livros que esclareciam a matéria por completo, mostrando largamente a legitimidade, a correição, a certeza e os benefícios da posição católica. Estes escritos eram tão fartamente documentados, tão bem escritos, que a matéria não comportava outras discussões. Infelizmente, agora, estas obras não se encontram ao alcance do grande público e não tem tido edições novas. Por isso, resolvemos mostrar aos leitores alguns pontos que mostram quão correta é a posição católica. Vamos pois ao assunto.

De início, gostaríamos de dizer que um dos erros mais comuns dos protestantes é tomar um trecho isolado das Escrituras (muitas vezes uma frase solta) e daí deduzirem toda uma doutrina sobre um assunto. Assim, vemos que existiu no século XVI uma seita que varreu de suas "casas de oração" não só os genuflexórios, as imagens sagradas, como até os púlpitos... para cumprir literalmente a recomendação de Nosso Senhor: "Pregai... sobre os telhados". E os seus adeptos iam pular corda na rua, cantar as "cirandinhas" da época e brincar de boneca... para "obedecer" à Bíblia, que diz: "Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino de Deus".

Com versículos recortados, todas as monstruosidades encontrarão apoio nas Sagradas Escrituras, isso precisamos ter presentes em nossa mente ao abordarmos a questão das imagens.

O texto mais citado pelos protestantes na questão é o capítulo XX, versículos 4, 5 e 6 do livro do Êxodo que diz: "Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma do que há em cima no céu, e do que há embaixo da terra. Não adorarás tais coisas, nem lhes prestarás culto; eu sou o Senhor teu Deus, forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam; e que usa de misericórdia até mil gerações com aqueles que me amam e guardam os meus preceitos".

Tomando-se outros textos bíblicos e interpretando-os arbitrariamente, à maneira protestante, veremos proibidas várias coisas que na realidade não o são. Assim, no Livro do Levítico se proíbe a fabricação de qualquer estátua, de qualquer obelisco, de qualquer monumento (Levítico XXVI, 1). Por outro lado, vemos no Livro do Deuteronômio (IV, 19) o seguinte: "não suceda que, levantando os olhos ao céu, e vendo o sol e a lua, e todas as estrelas do céu caindo no erro, adores e prestes culto a essas coisas..."

Alguém que pegasse esses textos isoladamente (ou até no conjunto) e fizesse uma interpretação arbitrária, concluiria erradamente que Deus proibiu fazer imagens, pintar estampas, tirar retratos, levantar estátuas, erigir monumentos, construir obeliscos, estudar zoologia, estudar astronomia, olhar a lua etc etc.

Se tomarmos isoladamente outra passagem das Sagradas Escrituras deveríamos tomar um bode e usá-lo em expiação do pecado, e um cordeiro de um ano e sem defeito para ser sacrificado, ou ainda um boi e um carneiro para um sacrifício pacífico (Apud Levítico, capítulo IX). Além disso, se usássemos de interpretação bíblica à moda protestante, teríamos de circuncidar todos os meninos que nascem. Como se vê desde logo, não se conseguirá entender certas questões, pegando-se versículos isolados da Bíblia.

Quem estudar o assunto do culto às imagens, à luz das Sagradas Escrituras, concluirá forçosamente que, ou Deus, Nosso Senhor, se contradisse, amaldiçoando-se a si próprio, o que é absurdo e impossível, ou a interpretação protestante está errada. Assim, peguemos os textos bíblicos a seguir: o primeiro deles é Êxodo XXV, 18-22, no qual se vê o próprio Deus ordenando a Moisés que faça dois querubins de ouro e os coloque no Tabernáculo, no lugar de culto, sobre a Arca Santa.

Foi também por ordem expressa de Deus (Números XXI, 8 e 9) que Moisés levantou no deserto uma Serpente de bronze. E, "aquele que, sendo ferido, olhar para ela, viverá".

Moisés fez, pois, uma serpente de bronze e colocou-a por sinal; e os feridos que olhavam para ela, saravam". Alguém dirá: mas depois lemos na própria Bíblia que mais tarde Ezequias destruiu essa serpente de metal que o povo queria idolatrar. Primeiramente podemos ver, nessa última atitude, um fato para se evitar a idolatria e, de outro lado, o próprio Moisés quebrou as tabuas do decálogo... Teria por isso renegado a Lei?

Em outro texto do Êxodo (Capítulo XXXI, 1 a 11) lemos que Deus quis que Beseleel inventasse tudo que se pudesse fazer com ouro, prata, cobre etc e quis vários ornatos para o culto.

Mais adiante, muito tempo depois de Beseleel, de Moisés e da destruição da serpente, vemos que Deus mesmo determinou os mais minuciosos detalhes do templo de Jerusalém. Assim nos dizem as Escrituras Sagradas no segundo livro dos Paralipômenos (III, 7) que o Templo tinha uns querubins esculpidos nas paredes. E, no terceiro livro dos Reis (VI, 29 e 30) vemos que as paredes do templo eram ornadas por querubins, palmas e diversas figuras. Havia imagens de escultura por dentro e por fora do Templo. Nos versículos anteriores, desse mesmo capítulo, lemos que dois querubins feitos de pau de oliveira foram colocados no meio do Templo interior e foram cobertos de ouro. Eis aí o templo feito por ordem de Deus com as paredes cheias de imagens de escultura por dentro e por fora e com dois querubins cobertos de ouro.

Deus, por desventura, se contradisse? Evidentemente não. O problema está – repetimos – no fato de os protestantes interpretarem arbitrariamente e a seu bel prazer um trecho bíblico.

Se o próprio Deus mandou fazer os querubins para a Arca da Aliança, levantar a serpente, esculpir querubins no Templo, colocar imagens de dois querubins nesse mesmo Templo, de maneira nenhuma Ele proibiria as imagens. O que é proibido pelas Sagradas Escrituras é a idolatria aos "deuses", tão comum entre os povos pagãos com que os judeus haviam tido ou teriam contato.

De outro lado o Próprio Nosso Senhor Jesus Cristo não condenou o fato de haver uma imagem esculpida em moeda, antes disse: "De quem é a imagem e inscrição que tem?" (São Lucas XX, 24) e diante da resposta que era de César, disse: "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (mesmo capítulo, versículo 25).

As Escrituras condenam – repetimos – a idolatria, nunca a confecção de imagens e o devido culto a elas, uma vez que representam Nosso Senhor, a Santíssima Virgem Maria e os Santos, ou seja, o Próprio Deus feito Homem, Sua Santíssima Mãe e seus grandes amigos e imitadores. As imagens nos ajudam (uma vez que temos um corpo, com os sentidos) a melhor cultuar a Deus, pois nelas cultuamos quem por elas é representado e este culto não tem outro fim senão Deus.

Um argumento excelente, em defesa da posição católica sobre as imagens, vamos buscar nos primórdios do cristianismo. Desta forma, nas catacumbas encontramos imagens, inscrições e símbolos que os primeiros cristãos ali faziam e que hoje são inequívoco testemunho do que pensavam os primeiros cristãos, que por sinal, viveram num tempo bem próximo dos Apóstolos.

Quem entre os nossos leitores seria acusado de idolatria por ter numa parede uma fotografia de um parente falecido? Ou então estaria desobedecendo a Deus quem possui um livro com paisagens?

Nos dois casos em pauta, o que se vê é que a fotografia nos ajuda a lembrar o parente que se foi e que tanto amávamos e as paisagens nos fazem conhecer e apreciar melhor a natureza.

Assim, por exemplo, as imagens dos santos nos fazem lembrar daqueles que tanto amaram a Deus e foram modelos para serem imitados. As imagens de Nossa Senhora nos ajudam a cultuar e bendizer Aquela que todas as gerações chamarão Bem Aventurada (segundo São Lucas I, 48).

Se podemos ter a fotografia de um parente ou a nossa, porque não podemos ter a imagem da Mãe de Deus?



Moisés, por ordem do Próprio Deus fez dois querubins de ouro e os colocou no Tabernáculo, no lugar de culto, sobre a Arca Santa, e também por ordem expressa de Deus levantou no deserto uma serpente de bronze.

“O que te fiz para assim me tratares?”

O Padre Canóglgio conta que uma religiosa, após numerosos pecados, ousou cometer um enorme sacrilégio. Um dia, depois da comunhão, tirou da boca a santa hóstia e colocou-a num lenço; depois fechando-se no quarto, atirou ao chão o SS.Sacramento e o calçou aos pés. Em seguida, abaixa os olhos e que vê? Vê, em lugar da hóstia, uma criança de grande formosura, mas toda pisada e coberta de sangue, que lhe disse: “Que te fiz para assim me maltratares”? Então a infeliz caindo em si e penetrada de arrependimento, ajoelhou-se em prantos e exclamou: “Meu Deus, perguntais o que vós fizestes? Ah! Vós me amastes ao excesso”. A visão desapareceu; e a pecadora, inteiramente convertida, tornou-se um modelo de penitência.



Ninguém O acolhe

Conta-se nas crônicas da Ordem de Cister, que um monge do Brabante, atravessando uma floresta na noite de Natal, ouviu um gemido como duma criança recém-nascida. Caminhou para o lugar donde vinha a voz e percebeu, no meio da neve, uma bela criancinha que tremia de frio e chorava. Movido de compaixão, o religioso apeou do cavalo e aproximando-se da infeliz criança exclamou: Menino, como é que te achas assim abandonado na neve chorando e morrendo de frio? Então ouviu a resposta: “Ah! como posso deixar de chorar vendo-me abandonado de todos, não havendo ninguém que me acolha e se compadeça de mim?” A essas palavras o Menino desapareceu, dando-nos a entender que era o nosso Divino Salvador, e que, por essa visão, quisera queixar-se da ingratidão dos homens que, sabendo que Ele nasceu numa gruta por seu amor, o deixam chorar sem terem dele a menor compaixão.



Do vício à Santidade

Conta-se que um soldado vicioso tinha uma mulher piedosa que, não conseguindo convertê-lo, obteve, ao menos, que não deixasse de rezar cada dia uma Ave-Maria diante de alguma imagem da SS.Virgem. Um dia, saindo para maus fins, passou diante duma igreja, entrou nela por acaso e, percebendo a imagem da SS.Virgem, pôs-se de joelhos e rezou a sua Ave-Maria. Mas que vê? Vê, nos braços de Maria, o Menino Jesus todo coberto de chagas ensangüentadas. “Meu Deus, exclama, qual o bárbaro que assim tratou esta inocente criança?” “Fostes vós, pecadores, respondeu Maria, que assim tratais o meu Filho”. A essas palavras sentiu-se tocado de compunção e pediu a Nossa Senhora, chamando-a Mãe de misericórdia, que lhe obtivesse o perdão dos pecados; mas Ela respondeu: “Vós, pecadores, me chamais Mãe de Misericórdia, e não cessais de fazer de mim uma Mãe de dor e de miséria!”. O penitente não desanimou e continuou a suplicar a Maria que intercedesse por ele, e a Santíssima Virgem voltando-se para seu Divino Filho, pediu perdão para aquele pecador. Jesus mostrou, primeiro, repugnância; mas Maria juntou: “Meu Filho, não deixarei os vossos pés enquanto não perdoardes a esse infeliz que a mim se recomenda”. “Minha Mãe, disse-lhe então Jesus, nunca vos recusei coisa alguma. Desejais o perdão para esse homem; pois bem, perdão-lhe e, em sinal de reconciliação, quero que me venha beijar as chagas”. O pecador se aproximou e, na medida que beijava as chagas de Jesus, estas se fechavam. Saiu depois da igreja, foi pedir perdão à sua mulher, e ambos, de comum acordo, deixaram o mundo para abraçar o estado religioso em dois mosteiros onde terminaram santamente a vida.



A Mãe de Dom Bosco

Um dos inúmeros biógrafos de Dom Bosco diz textualmente que: "Dom Bosco foi grande, porque teve uma grande mãe". Na verdade, toda a obra educativa de Dom Bosco foi um prolongamento da educação que sua mãe lhe deu.

Esta educação não era fruto de tratados pedagógicos, mas sim de uma grande fé. No sistema educativo desta maravilhosa camponesa, Deus era a base e o vértice. Cedo ensinou seus filhos a fazerem suas orações cotidianas e quando Dom Bosco já era padre, ela ainda lhe cobrava se tinha feito suas orações.

"Deus nos vê", repetia ela inúmeras vezes a seus filhos. Ou dizia: "foi Deus que criou o mundo e cravou lá em cima tantas estrelas. Se o firmamento é tão belo, que será o paraíso?". Recomendava-lhes, outrossim, que fugissem das más companhias como da peste, e certa vez, chegou a dizer a seus filhos, ao notar uns rapazes que falavam palavras inconvenientes, que os amava, mas que preferia vê-los mortos naquela hora a serem como aqueles jovens. Essas lições sublimes far-se-ão sentir no apostolado de seu filho.

Quando Dom Bosco já se encaminhava para o sacerdócio, ele pensou em se fazer frade franciscano. Com isso, devido a pobreza que deveria viver se fosse tal, não poderia cuidar de sua mãe. Um padre conhecido falou com ela para que dissuadisse o filho da idéia. Ela o procurou e longe de fazer isso, estimulou Dom Bosco a cumprir com a Vontade de Deus: "só te peço que estudes bem a tua vocação. O que é necessário é que salves a tua alma. O pároco desejava que eu te dissuadisse do que pensas, por causa de mim e de minha velhice... Não te preocupes com o meu futuro. Nada quero e nada espero de ti... Se algum dia escolhesses a vida de pároco, e te tornasses rico, jamais poria os pés em tua casa...".

Dom Bosco não se tornou franciscano a conselho de São José Cafasso. Na hora em que Dom Bosco vestia batina, Mãe Margarida com lágrimas nos olhos, disse ao filho estas comovedoras palavras: "Acabas, meu querido João de vestir a batina bem podes avaliar a alegria e o contentamento que por isso enchem o meu coração. Lembra-te que não é o hábito que faz o monge, mas a prática das virtudes. Se, por infelicidade, vieres a duvidar da tua vocação, peço-te que não desonres a tua batina. Deixe-a imediatamente, porque eu prefiro ter por filho um pobre camponês, do que um sacerdote menos cumpridor dos seus deveres. Quando nasceste, consagrei-te à Santíssima Virgem; quando começastes os estudos, recomendei-te, quase exclusivamente, a devoção a Nossa Senhora; pois agora, te peço que sejas todo, absolutamente todo, d'Ela. Ama aqueles que A amam, e, se um dia



Mãe Margarida.

chegares a ser padre, propaga, sem descanso, a devoção a tão boa Mãe".

Após a ordenação sacerdotal de Dom Bosco, mais uma vez vemos as virtudes de sua mãe: "até que enfim és Padre, meu João! De futuro, dirás missa todos os dias. Lembra-te bem do que te digo: começar a dizer missa é começar a sofrer... Estou certa de que hás de rezar todas as manhãs por mim. Também não te peço mais nada. Agora, pensa só na salvação das almas, e não te preocupes absolutamente nada comigo".

Quando Dom Bosco já fazia seu maravilhoso apostolado com os jovens, ele precisava que sua mãe viesse morar com ele em Turim. Para tanto, ela precisaria abandonar a tranquilidade de seu lar e vir ajudar o filho nas suas tarefas apostólicas. Quando Dom Bosco a consultou, sua resposta foi: "se achas que é essa a Vontade de Deus, podes contar comigo".

No oratório de Dom Bosco, ela cozinhava, costurava, trabalhava, enfim para inúmeros meninos.

Por perto de dez anos ela incansavelmente trabalhou para os jovens de Dom Bosco, chegando a ponto de vender seu enxoval para ajudar nas despesas da casa.

Enquanto viveu orava sem cessar e a isso aconselhava os jovens de Dom Bosco.

Cumprida plenamente sua missão, faleceu na paz do Senhor em 25 de Novembro de 1856, após receber o Santo Viático de seu confessor, o Padre Borel.

Chorada pelos alunos de Dom Bosco, ela é vista como aquela que forjou o grande apóstolo da juventude e é exemplo de desprendimento e de dedicação às mães de nosso tempo.

VERDADES ETERNAS

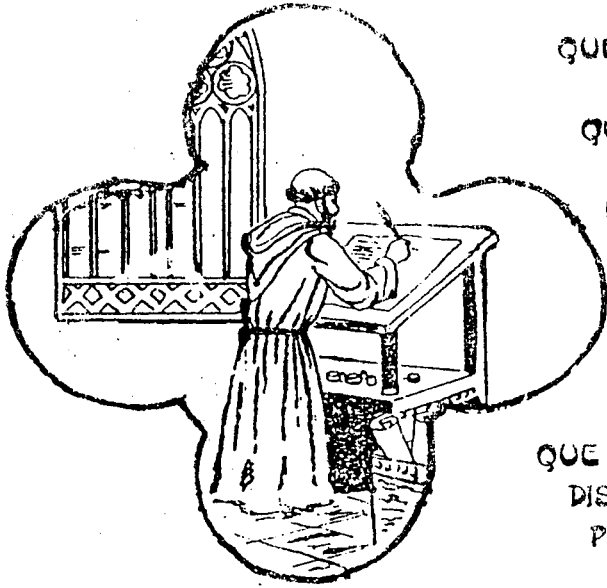
HÁS DE MORRER
NA HORA MENOS PENSADA.
QUER PENSES.
QUER NÃO PENSES NISSO.
QUER ACREDITES.
QUER NÃO ACREDITES.
MORRERÁS
E SERÁS JULGADO.

E TE SALVARÁS
OU CONDENARÁS.
CONFORME O BEM
OU O MAL
QUE HOUVERES PRATICADO;
DISSO NÃO ESCAPARÁS
POR MAIS QUE DIGAS
OU FAÇAS.

E QUE TE APROVEITARÁ
GANHAR TODAS AS RIQUEZAS E
ALCANÇAR TODAS AS HONRAS. E
DAR AO CORPO TODOS OS PRAZERES.

SE PERDES TUA ALMA?

AS RIQUEZAS E
AS HONRAS
FICARÃO NESTE MUNDO:
O CORPO NA SEPULTURA.
PARA SER COMIDO
PELOS VERMES;
E A ALMA EM PECADO.
COMO A DO RICO DO EVÂNGELHO.
NO INFERNO.
ONDE DIZ O MESMO EVÂNGELHO
QUE FOI SEPULTADA.



O vitral, obra dos homens, a alma humana obra prima criada por Deus.

E já que comparamos a alma humana a um vitral, reflitamos sobre isso. Assim, como o vitral deve glorificar a Deus, com maior razão o homem deve glorificá-Lo.

Deus a todos concede graças especiais para a conversão a seu serviço. É a passagem de Nosso Senhor por nossa vida. E quando Ele passa e chama, sua voz é mais forte que tudo, seu chamado arrasta. Ou não foi assim o “vem e segue-Me” de Nosso Senhor aos seus discípulos?



Na hora da conversão, Nossa Senhora nos pede que doemos a Ela nosso vitral inteiro, que é a nossa alma. E nós queremos doar.. Mas, como Ela é a Sede da Sabedoria, Ela vai requisitando partes do vitral.

Assim, por exemplo, Ela nos pede que comecemos a rezar o terço, depois que deixemos tal companhia, após isso, que nos confessemos, depois que passemos a freqüentar os Sacramentos, em outro momento, que deixemos tal defeito, depois certos hábitos e se prosseguirmos rezando e correspondendo, daremos a Deus, por meio de Maria Santíssima, até a nossa morte, todo o vitral que é a nossa alma.

Mas, às vezes, no meio do caminho, temos os nossos apegos, as nossas picuinhas, as nossas misérias, e então dizemos NÃO a tão boa Mãe. E o que acontece? – ó desgraça – ao negar um pedaço do vitral, negamos tudo que já havíamos entregue. Ocorrem, nessas horas, crises, quedas, pecados.



Mas, nesse momento, quando nós, filhos pródigos, desejamos comer as bolotas dos porcos, Nossa Mãe vem em nosso socorro e novamente volta a nos pedir o que negáramos e retornamos o caminho. Se formos fiéis, nos será de novo pedido o que negáramos com nosso não. Se dissermos sim, retornaremos a trilha.

Em cada momento teremos mais provas, mais doações e só terminaremos a tarefa quando tivermos doado tudo a Deus. Isso se completará na nossa morte. O céu estará aberto para nós.



Sua alma, esse vitral insuperável deve ser de Deus, você deve livremente entregá-la a Ele pelas mãos de Maria Santíssima. Esta é a sua tarefa. Esta é também a minha tarefa. Não deixemos nem um dia, nem um instante de doar uma parte do vitral para cumprirmos o plano para o qual fomos criados e para o qual devemos viver.